

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
18 de Fevereiro de 2023

SHONEN / 1969

(O Menino)

Um filme de Nagisa Oshima

Realização: Nagisa Oshima / **Argumento:** Tsutomu Tamura, a partir de uma história verídica / **Fotografia:** Yashuhiro Yoshioka e Seizo Sengen / **Montagem:** Sueko Shiraishi / **Direcção Artística:** Jusho Toda / **Décors:** Hideo Nishizaki / **Música:** Hikaru Hayashi / **Interpretação:** Tetsue Abe (Toshio), Fumio Watanabe (Pai), Akiko Koyama (Madrasta), Tsuyoshi Kinoshita (irmão).

Produção: Masayuki Nakajima, para Sozoshia / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, scope, cor, versão original falada em japonês, com legendas em português, 95 minutos / **Estreia Mundial:** Japão, 1969 / **Estreia em Portugal:** Quarteto 3, a 31 de Março de 1976.

Shonen é apresentado em "Double Bill" com **Shoplifters**, de Hirokazu Kore-eda ("folha" distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

AVISO: A cópia que exibimos apresenta problemas ao nível da qualidade de imagem. Tal prende-se com o facto de ser a cópia de época (em 16mm e em scope), que não pudemos substituir.

Para quem associe o nome de Nagisa Oshima à ideia de erotismo ou de complicação cinematográfica, **Shonen** poderá surgir como uma surpresa, sobretudo no respeitante à simplicidade quase documental com que Oshima trata grande parte da história. História essa que, como se sabe, tem por base um inacreditável caso verídico, que, alguns anos antes do filme ser rodado, chocou profundamente o Japão. O caso envolveu um veterano de guerra com um cadastro considerável, que se servia do filho e da mulher com quem vivia para obter dinheiro sem ter de o ganhar. Com efeito, este pai monstruoso obrigou a família a lançar-se contra carros em movimento, para logo de seguida intimidar os condutores a pagarem quantias de dinheiro como "indenização" pelos ferimentos decorrentes dos acidentes. Trata-se, sem dúvida, de um caso (des)humano verdadeiramente aberrante; mas o que impressiona mais no filme é a forma extremamente sóbria com que Oshima trata este material. O realizador abstém-se por completo de apelar a uma empatia gratuita da parte do espectador: a narrativa é apresentada de modo objectivo, "isento", evitando por completo o sentimentalismo ou o melodrama. E isto vê-se acima de tudo na caracterização da personagem referida pelo título do filme, o rapaz Toshio, que raramente regista sinais exteriores de emotividade. Longe de ser uma figura mergulhada (justificadamente) na auto-

compaixão, Toshio faz o seu "trabalho" com aquele brio profissional tipicamente nipónico, sentindo-se orgulhoso de mostrar cada vez mais perícia nos acidentes que simula e preocupando-se a dada altura com o aspecto pouco verosímil das suas feridas. Claro que Toshio vai ser a personagem que, juntamente com a madrasta, se sente afectada pela consciência de que está a levar uma vida desumana e errada; mas tal como sucede no caso daquela, a sua vontade de agradar ao pai é mais forte do que qualquer outra coisa, e apesar de ter tomado a iniciativa de fugir, volta à "família" numa das frequentes elipses em que o filme abunda.

Mas é evidente que a obsessão de Toshio pela ficção científica e pelo ser do Cosmos da Nebulosa de Andrómeda denuncia o seu desejo de evasão, ao mesmo tempo que põe em relevo um dos temas primaciais do filme: o isolamento. Este tema adquire forte expressão visual em dois momentos de **Shonen**: a cena em que a família chegou ao extremo norte do Japão e percebe que já não tem para onde ir; e a cena em que Toshio constrói um boneco de neve, que ele adorna com os únicos objectos que possui, o relógio (símbolo da sua perícia "profissional") e a bota pertencente à miúda que morreu devido ao único acidente real em que a família se viu envolvida. Assim, no final, Toshio recusa-se a admitir à polícia que tenha participado nos famosos acidentes; mas reconhece que foi de avião a Hokkaido, o local onde assistiu à morte da miúda e que representa, por isso, o seu grande peso de consciência. De resto, o tema do isolamento está presente logo no primeiro plano do filme, em que vemos Toshio sozinho a brincar às escondidas junto a um altar budista, cantando a canção que mais tarde ouviremos no hotel onde o Pai decide gastar um dinheirão em comida e entretenimento.

A comida é uma presença constante ao longo do filme e surge como a tentativa, da parte do pai, de compensar a mulher e o filho pela vida horrível que têm de levar. Também ele tem uma consciência pesada. No entanto, a consciência mais pesada de todas é, em termos metafóricos, o próprio Japão, responsável pela degradação psíquica em que o Pai caiu. O trauma de ter participado na guerra é demasiado forte para ser ultrapassado, de sorte que o veterano sente que é a sociedade que está em dívida para com ele. Recusa-se a trabalhar e exige que as duas figuras simbólicas dos japoneses que *não* participaram na guerra - uma mulher e uma criança - "expiem", por assim dizer, o sofrimento por que ele teve de passar. Ao considerar-se um inválido (justificando assim a sua não-participação nos sinistros acidentes), aponta mais para um conceito de invalidez psicológica do que propriamente física, pois força não lhe falta para exercer violência sobre os familiares que asseguram a sua subsistência.

No conjunto, **Shonen** resulta como um filme extraordinariamente amargo, onde a sociedade e a família surgem como estruturas opressivas e sufocantes, face às quais o indivíduo, por não conseguir resistir, só pode refugiar-se num isolamento vazio em que, como Toshio no início do filme, é obrigado a jogar às escondidas consigo mesmo.

Frederico Lourenço